

tar a Trindade Como História, traz presente um sentido novo para o termo "pericórese", como o Amor-Amante, (Pai) o Amor-Amado (Filho) e o Amor (Espírito Santo) presente na história humana de mulheres e homens, conduzindo-os à vivência trinitária.

Também o teólogo, J. Moltmann⁴⁸, ao tratar **Trindade y Reino de Dios**, mostra que o círculo de luz existente na Trindade passa a comunidade humana e toda criação, isto é, tendo consequência na vida prática.

O teólogo brasileiro, Leonardo Boff, tem dado grande contribuição no uso do termo "pericórese"⁴⁹. Para ele, a existência do Pai, do Filho e do Espírito Santo distintos, que vivem a perfeita comunhão numa "pericórese" de amor, nos leva a entender a sociedade humana como consequência do dinamismo pericorético trinitário. Por exemplo, a interpenetração de mulheres e homens na luta pela libertação dos oprimidos. Para Leonardo Boff, "Da pericórese comunhão das três pessoas divinas derivam impulsos de libertação

para cada pessoa humana, para a Sociedade, para a Igreja e para os pobres, num duplo sentido, crítico e construtivo".

Portanto, esta palavra grega e técnica que expressa a Vida em Deus e no homem, tem nos trazido importante contribuição através da práxis de libertação dos pobres e a superação dos mecanismos de opressão e conduz a uma vivência comunitária, baseada na co-responsabilidade, na diversidade cultural, formando unidade.

A busca incessante dos teólogos para sempre mais aprofundar o sentido do termo "pericórese" como o que melhor define a comunhão imanente e econômica da Trindade, nos possibilitará a maior integração do feminino e do masculino, ambos criados à imagem e semelhança da Trindade (cf. Gn. 1, 27).

Ir. Maria Freire da Silva é Mestra em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

CEBS: IGREJA INCULTURADA

Moacir Goulart de Figueredo

INTRODUÇÃO

A história não é linear, mas nas suas nuances, idas e voltas, trás em si fatos, situações, conflitos, que representam a expressão da vida em determinado momento e contexto. Na história da evangelização e da Igreja não é diferente. Ora o Espírito está a todo vapor, ora o poder procura abafá-lo.

A Igreja da América latina e do Caribe na sua história é caracterizada pela dor, sofrimento, alegria, utopias, compromissos e lutas na defesa da vida. É uma Igreja que se construiu sobre a cruz e a espada. Porém hoje, se pensa em 'nova evangelização' que tem como método a Inculturação do Evangelho.

Para ser 'nova' precisa respeitar as culturas. Respeitar as culturas requer a inculturação da fé. A Igreja tem organismos e instrumentos para a inculturação da fé? São as Cebs um instrumento para a Igreja inculturada? A conjuntura atual da Igreja possibilita a ação deste instrumento? Como está a continuidade das polêmicas culturais religiosas levantadas no oitavo Intereclesial de Santa Maria? Qual foi a resposta da Igreja? É um problema isolado criado pelas quarta Conferência Latino Americana e não diz respeito a continuidade da vida das Cebs no Brasil?

O que se quer com a nova temática: Cebs e massas? Em que aspectos continua e aprofunda a temática do encontro anterior? O que é a cultura de massa? Qual a sua contribuição para as Cebs? Que desafios novos ela apresenta para as Cebs? Neste trabalho, a partir destas interrogações gostaria de responder a questão: são as Cebs uma forma de Igreja inculturar-se?

As culturas e a Inculturação

A ordem de Jesus dada aos apóstolos, "Ide por todo o mundo pregai o evangelho ..." (Mt 28, 19); fez do apóstolo Paulo um discípulo que respeitou as culturas e evangelizou criando assim a diversidade na Igreja, mas mantendo a unidade através da fé. Lamentavelmente, este não foi seguido por muitos dos que se dizem evangelizadores. Pelo menos não era este o pensamento do século XVI, quando em nome da ordem de espalhar a fé usa-se o termo missão como significado de ocupação territorial, expansionismo, domínio e morte. O papa Pio XII tinha a plena convicção de que só através da Igreja Católica era possível salvar-se. A colonização do Terceiro mundo foi feita com esta ideologia por parte da Igreja que deveria evangelizar.

48 Leonardo BOFF, *A trindade e a sociedade*, op cit,
49 Ibidem, p. 284.

Na América latina e no Caribe, em nome da fé, oprimiu-se 90 milhões de índios de diversas culturas. Aqui não houve descobrimento, houve invasão e imposição cultural, religiosa, econômica e política. Somente porque a cultura é a "resistência contra a morte"¹, hoje podemos conviver com uma grande riqueza cultural espalhada pela América latina e Caribe. A luta pela defesa da vida faz com que as 'culturas oprimidas' da América latina e Caribe sejam sinais vivos e crescentes de mudanças sociais. Os chamados 'povos não civilizados' sempre tiveram respostas para diversos problemas que os povos que se consideram civilizados, modernos, contemporâneos, ainda não conseguiram resolver. Por exemplo a educação tribal é feita pelas comunidades, que prepara a pessoa para enfrentar a própria sociedade, respeitando a própria vida e com soberania. Enquanto que a educação na sociedade moderna ainda é um drama na formação da pessoa e sua personalidade.

A cultura na América latina é um potencial em erupção, que transforma as armas da morte, ou melhor, que aproxima o Reino de Deus e a sua justiça.

A cultura e seus significados

O texto base de preparação do oitavo Encontro Intereclesial de Comunidades Eclesiais de Base, tratou a cultura na América latina e Caribe como 'culturas oprimidas'. A cultura é fonte de vida. Mesmo abafada ou dominada por outra cultura ela não é inferior ou superior, porque é a 'resistência contra a morte'.

A cultura é tudo que as pessoas criam para defender a vida. Tudo que é humano é cultural, mas nem tudo é a cultura. Ela fala dos valores e dos sentidos que os grupos humanos atribuem as suas ações.

As definições de cultura variam de autor para autor. Nas diferentes ciências sociais elas assumem conotações diversas. Para os antropólogos culturais, ela é o "que se pode dominar a parte do meio ambiente feita pelo homem ou apreendida: potes e panelas, leis e instituições, arte, religião, filosofia, mitologia, etc"². "Conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis de ação e comunicação da vida de um grupo ou sociedade concreta, conjunto que consciente ou inconsciente, é vivido e assumido pelo

grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo"³. Bebendo desta ciência (antropologia cultural), que procura o conhecimento ordenado do homem e das suas culturas é que as Cebs "consideram a cultura não apenas uma coisa mas a vêem sobretudo como dimensão de tudo o que se faz em cada grupo humano: trabalho e as técnicas nele empregadas, o modo de comer, de vestir, de morar, a linguagem, a maneira de cuidado do próprio corpo, as relações pessoais, sexuais e familiares, os costumes e leis, as expressões religiosas e artísticas, enfim, nossa vida cotidiana é toda regida pela cultura do grupo social ao qual pertencemos"⁴. A cultura é um projeto de vida de um determinado povo ou grupo social. Ela define a essência de um povo. É sempre orientada para a construção a vida. Se a cultura determina a essência, a identidade de um povo como ela pode ser de massa? O que queremos afirmar quando usamos a expressão cultura de massa?

A 'cultura de massa'

As massas são uma consequência da modernidade que com seus meios altamente técnicos interferem na vida e na organização social. Massa é sinônimo de anonimato, de "um contingente de indivíduos atomizados, fragmentados, irracionais, ignorantes, sem organização, ligados uns aos outros por certos valores, mitos e sentimentos"⁵.

As massas são instrumentalizadas por uma pequena elite dirigente que a manipula, comprime, engana e a condiciona. Ela não chega a constituir-se em cultura, pois não identifica o projeto de vida de um determinado grupo social ou povo. A chamada cultura de massa' nada mais é do que uma forma homogeneizada de impor uma mercadoria sobre o povo, através dos meios de comunicação social. Isto se dá quando se passa uma mesma programação, com toques de uma determinada cultura ou região, como sendo um valor para todo o país. A complexidade da problemática das massas se dá sobretudo quando os meios de comunicação introjetam uma cultura local como sendo pla-

3. AZEVEDO, M., *Comunidade eclesiais de base e inculturação da fé*, São Paulo, Loyola, 1986, p. 264.

4. Cebs, equipe central, op. cit., p. 11.

5. WANDERLEY, L. Eduardo, "Quem se preocupa com as massas", *Tempo e presença*, 17, 281, maio-junho 1995, p. 6.

1. Cebs, equipe central, *Culturas Oprimidas e a evangelização na América Latina*, Santa Maria - RS, 1991, p. 19.

2. MONTAGU, A., *Introdução à Antropologia*, São Paulo, Cultrix, 1969 2, p. 14.

netária, ou seja, os valores do mercado como sendo a solução para todos os povos. O poema de Drummond de Andrade alerta para a homogeneidade que a economia de mercado quer fazer com o ser humano. "Eu desconfiava:

Todas as histórias em quadri-
nhos são iguais. Todos os filmes
norte-americanos são iguais. Todos
os best-sellers são iguais (...).

Contudo, o homem não é igual
a nenhum outro homem, bicho ou
coisa. Não é igual a nada. Todo
ser humano é um estranho ímpar".

O povo e os agentes das Cebbs,
conhecem e defendem este ritmo
específico de cada grupo humano,
reconhecendo seu potencial de
transformação? A Igreja, que pre-
para seus ministros e os envia à
anunciar o evangelho, não devia
ser a grande defensora das cultu-
ras?

Quando se pensa e avalia a pri-
meira evangelização feita pelos
'ministros' enviados em missão,
percebe-se que o evangelho, não
foi a principal preocupação des-
tes, sendo as culturas as grandes
vítimas, bem como o genocídio de
negros e de índios. Isto ontem; e
hoje é diferente? Após o Concílio
Vaticano II é que a Igreja come-
çou a redescobrir o apóstolo Pau-
lo, que de forma inculturada anun-
cia a Boa Nova. Ela se abre para
começar a beber das culturas e
permite que os oprimidos a evan-

gelize. Isto não acontece com toda
a Igreja, mas setores da Igreja que
imbuídos do Espírito Santo ajudam
e vêem crescer na América latina
e Caribe a Igreja dos pobres. O
concílio Vaticano II foi para toda
a Igreja mas nem toda Igreja colo-
cou em prática suas conclusões.

A inculturação

Respeitar e aprender das cultu-
ras na América latina e no Caribe
é hoje uma condição básica para
ser evangelizador, ou seja, sem
inculturação é impossível levar
uma Boa Nova, porque a Boa
Nova só é boa quando não abafa
aquilo que é vital em um povo.
Afim o que é inculturação? Que
tipo de Igreja se preocupa com a
inculturação? Ela acontece na prá-
tica concreta? Como?

Segundo Marcelo Azevedo, na
Igreja este termo é uma temática
nova, que se distingue em três no-
vos termos usados na linguagem
teológica: aculturação, encultura-
ção e inculturação. Na língua inglesa o
termo enculturação corres-ponde a
socialização, na terminologia psico-
lógica e sociológica. É o processo
pelo qual uma pessoa é introduzida
à sua própria cultura e sua caracte-
rização por esse contexto. O termo
aculturação designa o "processo de
transformações que se verificam pelo
contacto de um indivíduo ou grupo
com uma cultura que não é a sua ou
pela interação de duas ou mais cul-

turas distintas"⁶. Este termo muitas
vezes é usado como sinônimo de
inculturação, porém não é a mesma
coisa e a aculturação foi o que a
expansão missionária fez.

O termo inculturação, nasce da
mesma raiz etimológica de encul-
turação e aculturação, porém vem
sofrendo adaptações. O Pe. Pedro
Arupe é quem oferece uma elabo-
ração duradoura sobre incultura-
ção: "É o processo pelo qual a
Igreja se insere progressivamente
numa determinada cultura. É pre-
cisamente o lançamento da semen-
te evangélica na cultura, de modo
que o germe da fé possa desenvol-
ver-se nela e exprimir-se segundo
o gênio próprio desta cultura"⁷.
Inculturação é ainda a "encarna-
ção da vida e da mensagem cristã
em uma área cultural concreta, de
modo que não somente esta experi-
ência se exprima com elementos
próprios da cultura em questão (o
que ainda não seria senão uma
adaptação) mas que esta mesma
experiência se transforme em um
princípio de inspiração, a um tem-
po norma e força de unificação,
que transforma e recria esta cultu-
ra, encontrando-se assim na origem
de uma nova criação"⁸.

A inculturação não acontece de
imediatamente, mas é um processo, um
tempo de transformação da cultu-
ra e da cultura do evangelizador,
ou seja, é uma morte e uma nova
vida. É um processo de abertura e
de dor. É uma transformação que
intercambia valores; que permite
a morte e o nascimento de novos
valores através da fé, do Espírito e
da fonte: a cultura que se está
evangelizando.

São as Cebbs no Brasil uma for-
ma de evangelização inculturada?
Como pensar as Cebbs a partir da
nova realidade social, pautada pela
cultura de massa? São elas peque-
nas 'sementes do verbo' que resis-
tem entre as ondas que espalham
e semeiam a 'cultura de massa'?
Ainda há lugar para as Cebbs na
Igreja que assume a inculturação
como método de evangelização.

A inculturação uma janela

O Concílio Vaticano II, ajudou
a Igreja adquirir, uma consciência
de Igreja mundial, isto foi possí-
vel pela valorização das Igrejas
locais, que se deu antes do Concí-
lio. O papa Paulo VI mostrou que
a ruptura entre evangelho e cultu-
ra é o drama de nossa época. É a

6. AZEVEDO, M., op. cit., p. 264.

7. Ibidem, p. 268.

8. Ibidem, p. 271.

partir de então, que ela se começa a despertar para a evangelizar as culturas. Nas suas conclusões sobretudo na *Lumen Gentium*, o organizou-se as questões internas da Igreja, mostrando que ela é luz para os povos mas não é a única luz. A *Gaudium et Spes* dialogou com o mundo moderno sem fugir aos desafios deste diálogo. A *ad Gentes* tratou das questões missionárias, que foram profundamente enriquecidas, mais tarde pela encíclica *Evangelii Nuntiandi* que estabelece um diálogo respeitoso profundo com a cultura. O concílio porém tratou de forma marginal o tema da Igreja dos pobres, que aplicado aqui na América latina contribuiu para a organização das Cebes e a valorização da cultura.

Segundo K. Rahner, o cristianismo tem três grandes períodos: o cristianismo judeu, desenvolvido e vivido pelos primeiros cristãos; o helenismo, preocupação de expansão e civilização européia e o Concílio Vaticano II. K. Rahner vê no primeiro e no terceiro a preocupação de uma evangelização inculturada. Destaca que o cristianismo judeu é extremamente inculturado. Paulo mantém sua relação de fé baseada na fé de Jesus, dentro de um contexto pagão e cresce como discípulo a partir desse mesmo contexto. O Concílio Vaticano

II é um momento de transição da Igreja da Europa para uma Igreja mundial. Esta Igreja mundial percebeu que a inculturação da mensagem cristã, divulgada pelo expansionismo da cultura européia, feriu, matou e impediu que as culturas pré-existentes assimilassem o verdadeiro cristianismo. "Curiosa, mas logicamente, a ausência de inculturação e a fratura cultural das regiões latino-americanas, ao mesmo tempo que redundaram na debilidade de uma consciência cristã profunda, muito embora, acarretaram uma sensível perda de identidade cultural. Este dado, se não explica plenamente - porque há de fato, em jogo outros fatores, sobretudo econômico-político - faz compreender e agrava o nível de dependência e o incurável mimetismo cultural das populações desse continente, nesse sentido, este contingente católico mais numeroso do mundo, no qual se pretende ser a religião católica como componente cultural estrutural e paradoxalmente, um dos mais numeráveis complexos da Igreja no mundo. Ele traz em si a fragilidade tanto do substrato cultural como do conteúdo cristão"⁹.

Na América latina e no Caribe, a inculturação não é só um novo método de evangelizar, mas uma dívida da Igreja que necessita de

forma urgente revitalizar e aperfeiçoar o crescimento de sua cultura, aprimorando-a consciente de sua identidade pelos próprios povos. Isto é uma tarefa para os novos evangelizadores. Na diversidade de expressão e vivência da fé manter a unidade e consciência de Igreja mundial, condenada a uniformização. Pois a realidade das culturas transculturais ou 'cultura de massa', das subculturas exigem da Igreja um tempo de aprofundamento e estudo da sua ação antes de propor o Evangelho.

Esta consciência dada pelo Concílio Vaticano II, fez com que a Igreja da América latina e do Caribe, através de Medellín, Puebla e Santo Domingo, mantivesse viva a sua preocupação de inculturar-se nas subculturas deste continente e vivesse a partir da Boa Nova. Reforçada pelo documento *Evangelii Nuntiandi*, a Igreja da América e do Caribe deu passos concretos e através das Cebes e da inserção dos evangelizadores pôde atingir e continua sendo fiel à evangelização inculturada. As Cebes e os evangelizadores sabem que a "inculturação potência e multiplica o alcance da evangelização, sobre a cultura em questão, mas também, através da identidade da cultura e da própria evangelização nela, sobre a Igreja como um todo. Por aí se constrói uma unidade muito mais

profunda e consciente do que a que pode resultar de uma uniformidade distante e indiferenciada"¹⁰.

A inserção dos evangelizadores

A vida religiosa após o Concílio Vaticano II, incentivada por Paulo VI, iniciou um grande trabalho de pesquisa de suas fontes, ou seja, voltou-se para pensar e receber novamente a diversidade de dons soprados pelo Espírito Santo à seus fundadores. Na verdade voltar as fontes é recuperar uma identidade cultural uniformizada e abafada pelo poder, representado pelo código de Direito Canônico de 1918. Como a fé e o carisma fundacional são obras do Espírito Santo, não morrem, a Igreja, principalmente a da América latina e do Caribe, vivenciou uma nova evangelização, a partir da inculturação dos carismas, levando a Igreja à compromissos concretos e exigindo fidelidade na sua missão. Este gesto profético não é só da vida religiosa. Muitos leigos, padres e bispos assumiram a Igreja dos pobres testemunhando o evangelho entre aqueles que foram fragmentados em sua cultura.

Os evangelizadores com coragem assumiram os riscos de ser profeta em um continente banha-

9. Ibidem, p. 277.

10. Ibidem, p. 286.

do pela injustiça, miséria, exploração, dor ... e sangue. A inserção dos missionários (as) em uma situação concreta da sociedade e da cultura, é uma forma final do desempenho da missão da Igreja. É impossível falar das Cebbs e esquecer-se de que a inserção dos missionários (as), é uma tomada de consciência da realidade postulando pluralidade de respostas na própria consagração ministerial, assim se dá maior vida à evangelização que através da fé e dos carismas inculturados fazem a Igreja crescer comprometida com a sua missão.

A evangelização feita pela inculturação da fé e do carisma deve integrar de modo vital a pessoa, a comunidade, a cultura, a sociedade e a fé cristã, segundo Marcelo Azevedo, através de um processo em quatro níveis: primeiro, conhecendo e identificando a cultura que se quer evangelizar, descobrindo os sinais de Deus presentes nesta cultura. Segundo, permitindo a interação entre o evangelizador e as pessoas da cultura destinatária, servindo-se do discernimento, que evita preconceitos e possibilita a conversão. Terceiro, proclamando de forma explicitada a novidade da mensagem, fazendo a cultura perceber o que por si mesma, não pode encontrar. Por fim, possibilitar a evangelização inculturaram sendo a Igreja parte e objeto da

mesma. Ela é ao mesmo tempo agente da evangelização, parte da mensagem e produto final.

As Cebbs e seu potencial transformador no meio da 'cultura de massa'

As Cebbs estão presentes na periferia das grandes cidades e tem uma presença significativa na área rural: é formada por pessoas simples cristãs, leigas, que em comunhão com seus pastores querem viver intensamente a sua fé e articulá-la com a vida. O povo das Cebbs, como toda sociedade nos últimos anos, vêm sendo bombardeados em sua cultura. O contexto sócio-econômico-político-cultural-ideológico influenciou muito a cultura popular, sendo que muitas vezes o próprio povo se vê despossuído de seus valores, apreendidos e cultivados no seu meio. A explosão dos grandes centros urbanos criaram a massa, ou seja as transformações feitas pela modernidade proporcionaram grandes novidades, que aguçam o consumismo, influenciado pela propaganda, que determina o valor da pessoa pela grife que possui e usa. O seu ser fica escondido, abafado e portanto fragmentado. Este tipo de 'cultura de massa', como vimos antes, não está ligado a essência do povo, nem o ajuda a construir um projeto de vida, mas ao poder da economia transnacional que fazem engolir mer-

cadorias, que os subjagam como não 'civilizados' e até sem cultura. A força transformadora da cultura, possui um dinamismo capaz de transformar os condicionamentos homogeneizantes da 'cultura de massa', e adaptar os seus bens como conquistas em função de uma vida mais digna sem necessariamente perder o seu projeto histórico. A cultura não pode ser endeusada, como sendo a única forma de um grupo ou povo se libertar. Ela possui uma força transformadora que é capaz de filtrar os interesses das classes dirigentes, mesmo que, estas usem todos os meios mais eficazes de condicionamento comercial e cultural.

A Igreja com a evangelização das 'culturas oprimidas', no oitavo Intereclesial, em Santa Maria - RS, enfrentou uma problemática muito grande e demonstrou sua dificuldade em compreender e evangelizar a partir das 'culturas'. Dom Ívo Lorscheiter, na sua carta "Aspectos da prática das Cebbs" levantou alguns questionamentos que precisam ser amadurecidos. Segundo Dom Ivo, "os encontros intereclesiais, no porte e nos moldes a que chegaram merecem, no meu entender, uma profunda revisão: qual é a sua verdadeira finalidade? Quem deles deve participar e com que responsabilidade? Como

deve ocorrer a elaboração e aprovação de eventuais cartas, mensagens e noções? Como vai assegurar-se o correto Ecumenismo e o correto Diálogo Inter-religioso num encontro de comunidades católicas? Não deveria haver um claro Estatuto ou Regimento que definisse esses e outros pontos importantes? ..." O que dizer acrescenta Dom Ivo, sobre "a pretensão de cultos Afro-brasileiros de serem, com seus Pais e Mães de Santo, oficialmente saudados e aplaudidos; o azedume no referir-se à atuação e a estruturação da nossa Igreja; a nossa insuficiente compreensão do sentido da extensão e das consequências da 'inculturação'"¹¹.

Esta problemática já está resolvida? Como foi encaminhada? Qual foi sua repercussão na quarta Conferência do Episcopado Latino-americano, ou é problema só do Brasil? A dificuldades em tratar questões como estas não se dá porque ela também tem sua 'cultura de massa'? Ou seja, quando se usa a expressão cultura cristã qual é o povo ou projeto histórico de vida que ela quer evangelizar? O que significa a cultura cristã na América latina e no Caribe? Apenas uma diferenciação entre as Américas do Norte, protestante e do sul católica?

11. LORSCHTEITER, I., "Aspectos da prática das Cebbs", *Vespera*, 235, out 1992, p. 2.

É importante observar que “a cultura cristã” só pode ser imaginada como um conjunto de valores e referências evangélicos que inspiram os cristãos no diálogo com povos e/ou grupos sociais e suas respectivas culturas. Também os valores e referências evangélicos que não chegam propriamente a construir uma cultura, são culturalmente situados. Também a ‘cultura cristã’ precisa ser inculcadora¹².

Esta grande polêmica em torno da evangelização e da cultura foi debatida na Conferência de Santo Domingo. A Cúria Romana está preocupada em evangelizar a cultura, a caminhada da Igreja na América latina e no Caribe mostra que é preciso inculcar o evangelho. Muitos se perguntam qual é a diferença?

A evangelização da cultura segundo o que a Cúria Romana propôs na quarta Conferência do Episcopado Latino-americano evidencia uma preocupação de correção dos desvios e dos erros da expressão da fé. Através do “radical substrato católico tentou-se passar um rolo compressor mostrando que toda a América era católica, porém a abertura ao Caribe e a sua inclusão, por ironia da história,

evidenciou-se a diversidade e talvez, a Igreja tenha que dialogar com as ‘novas religiões do povo’ e promover um diálogo inter-religioso. ‘Será o radical substrato católico ou radical substrato protestante’ a marca da realidade mais profunda das ilhas do Caribe? Ou será bem mais um ‘radical substrato africano’ que florescente num francês que se transmuta em ‘creole’, num holandês que se transforma em ‘papeamento’, num universo religioso que desperta ao som dos atabaques nos milhares de terreiros do Vodou no Haiti, do Xangô de Trindade e Tabaco, da santeira de Cuba, do Candomblé, da Macumba e dos Batuques no Brasil¹³.

A diferença entre as duas propostas está sobretudo no método. A inculturação é uma proposta que respeita a cultura e propõem o evangelho a partir de dentro da cultura, numa atitude dialogal simétrica. Sua meta é um encontro entre o Evangelho e a Cultura como caminho de vida e libertação. A evangelização da cultura é proposta assimétrica, em que persiste o status quo da Igreja e lhe confere um poder religioso hegemônico, considerando as manifestações religiosas dos povos como

superstições e seitas a serem combatidas. Portanto é preciso inculcar a ‘cultura cristã’ para que ela se torne humana, senão ela tornar-se-á uma “cultura divina e ontologicamente perfeita. Sendo divina ou ontologicamente perfeita deixaria de ser cultura. Nem o ser nem Deus como sumo bem (SD 232) tem cultura. ‘Cultura’ é uma propriedade da humanidade¹⁴.

Na sua origem e na sua preocupação, não há dúvida de que as Cebcs são uma forma de evangelização inculcada, ou sejam elas tem todos os elementos para sê-lo. Nas Cebcs não se concebe as culturas como algo estático, onde se pode agir sempre da mesma forma. Nela a própria evangelização não é transmissão de conhecimentos, de práticas ou ritos, mas vivência da fé. O povo das Cebcs, é sujeito, agente da transformação das culturas oprimidas. Na bíblia o povo aprende a ver a própria vida, como espaço concreto da ação de Deus. É a partir dela que a interação das pessoas na comunidade se expressa em ações concretas de solidariedade. Isto é um exercício de inculturação que numa atitude dialogal da comunidade responde aos limites e contradições da realidade através de valores culturais e adquiridos pela fé e pela Pala-

vra. Nas Cebcs, a própria função do presbítero, do catequista, do agente de pastoral é feita em comunidade, diversificada nos dons e serviços e em diálogo com a própria cultura. A ausência de presbíteros para atender todas as Cebcs confirma esta ação ministerial da comunidade e a sua capacidade de inculcar a fé cristã. A Igreja ainda está brigando internacionalmente, enquanto que os povos da América latina desde o princípio da primeira evangelização expressaram o evangelho a partir de suas culturas. A inculturação realizada pelos povos pode ferir o poder das autoridades eclesiais, por isso não serve.

Nesta ação conjunta, dialogal de evangelizadores e culturas nasce uma cultura “reformulada, nova, animada pelo Evangelho, ativa em relação aos seus membros, crítica e transformadora de uma sociedade que não responde aos seus anseios. A esta nova cultura, fecundada pelo evangelho e expressa em termos de fidelidade e continuidade crítica com a própria tradição cultural de sempre, conduz precisamente o processo de evangelização inculcada¹⁵. Esta transformação cultural bem presente na ação e comunicação do evangelho, ou seja, a liturgia, as relações intracomunitárias, a solidari-

12. SUESS, P., *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros - Ensaio de missiologia*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 130.

13. BEOZZO, J. O., “Inculturação, Evangelização e Libertação em Santo Domingo”, *REB*, 212, dezembro 1993, p. 801, 823.

14. SUESS, P., op. cit., p. 133.

15. AZEVEDO, M., op. cit., p. 357.

idade e a corresponsabilidade na participação das decisões e outras manifestações, não evidenciam uma nova cultura, iluminada pelos valores cristãos?

As Cebs em sua composição oferecem uma força promissora de transformação, por três razões: Primeiro, por ser composta de povo pobre, marginalizado, sem voz nem vez nas decisões sobre a própria vida. Segundo, porque este povo nas Cebs exercem ativamente o funcionamento da própria comunidade, assumindo a corresponsabilidade de ser Igreja. Por fim, a característica religiosa e eclesial das Cebs é querer evangelizar a humanidade, começando aqui a aplicação dos valores do Reino: justiça, igualdade, fraternidade, comunhão ... e exigindo a conversão da própria sociedade. Estes elementos identificados com as culturas do nosso povo, e dialogados a partir de sua realidade dão as Cebs um potencial transformador sustentado por uma evangelização inculturada; ou seja, nas Cebs não há espaço para uma evangelização de cristandade ou de romanização.

Esta ação nas Cebs é real, porém não é conhecida por todos os evangelizadores, ou melhor, nem todos os evangelizadores se esforçam para apreender a cultura e inculturar o evangelho. Será este um problema de quem evangeliza a partir do poder? Evangeliza?

Bebe algo da cultura popular? As Cebs já tem caminhada, história para contar e mostrar que uma evangelização inculturada causa polêmica, transforma, assim como o anúncio do apóstolo Paulo, que convence os gentios mas é rejeitado pelos judeus.

As Cebs em si são agentes de transformação, dinâmicas, criativas e com sua forma própria de ser. Este dinamismo e forma específica de viver o evangelho não são vivido por todos os evangelizadores. Há quem evangeliza a partir da missão carismático-profético de Jesus e há quem continua guiando-se pela tradição sacerdotal e pelo poder.

Há um conflito de modelos eclesiológicos? Creio que o conflito vai além de modelos eclesiológicos. Ele acontece na base da formulação da expressão da fé, ou seja, na América latina, a Igreja dos pobres descobriu a bíblia como fonte que ajuda a refletir a vida de um povo (Israel) a partir da sua cultura.

A título de conclusão

O tema inculturação é novo na linguagem da teologia. A prática da inculturação ainda não foi assimilada pela Igreja e seus evangelizadores. As luzes vindas do Vaticano II, deram vida a Igreja dos Pobres. Nela se procurou viver a preocupação de abrir-se ao mundo

e as culturas inculturando a fé cristã. Nas culturas oprimidas está um grande campo para a ação inculturada da fé. Precisa, porém evangelizadores abertos à conversão e disponíveis para aprender das culturas.

As Cebs possuem a cultura popular. Mesmo transformada pelo êxodo rural, sua cultura é popular. Nelas é possível o processo de Inculturação. Fé, vida e comunidade, são elementos universais nas Cebs, identificando-as. Uma evangelização baseada no carisma profético de Jesus de Nazaré, necessariamente leva à ações missionária e a abertura para o novo. As dificuldades enfrentadas nas Cebs são principalmente por falta de uma ação conjunta de evangelizadores comprometidos com a missão de Jesus de Nazaré. Nossos evangelizadores continuam fazendo aliança com Baal (estado-poder) e negando o Deus da vida.

Fica portanto difícil imaginar as Cebs institucionalizadas, quase-paróquias, ou apenas um movimento leigo competindo com os movimentos espiritualistas. Creio na força do Espírito que não vai permitir a semente morrer com esta seca. A Igreja e as Cebs de modo geral precisam aprender a sair de si mesmas, irem para a rua, ser missionárias. Jesus é exemplo disso: sua itinerância mostra porque sua mensagem e ação se espalharam tão rápido e com conseqüências tão sérias. A Igreja que perde seu dinamismo missionário morre. As Cebs e a inculturação são instrumentos que a Igreja não pode perder na 'nova evangelização'.

Moacir Goulart de Figueredo é
Mestrando em Missiologia na Faculdade
de Teologia Nossa Senhora da Assunção.